

HUMANIZANDO O AMBIENTE DO ESTUDO/TRABALHO ANATÔMICO

Jussara Rocha Ferreira*

FERREIRA, J.R. Humanizando o ambiente do estudo/trabalho anatômico. *Arq. Ciênc. Saúde Unipar*, 7(1): 83-84, 2003.

RESUMO: Esta nota refere-se a uma adaptação de processo técnico de preservação e conservação de material biológico de grandes volumes em laboratórios anatômicos com a finalidade de humanizar o ambiente meio ambiente, de estudo e trabalho. Para tal adaptação, a partir do material formolizado, em qualquer concentração, utilizou-se água oxigenada (2 a 5%) para clareamento, álcool a 70% e absoluto para desidratação e glicerina bi-distilada para inclusão. As respostas dos sujeitos envolvidos nas relações de trabalho e ensino/aprendizagem foram altamente favoráveis. Isto nos levou à divulgar esta experiência no meio acadêmico e científico.

PALAVRAS CHAVE: insalubridade; meio ambiente de ensino; técnica anatômica.

HUMANIZING THE ENVIRONMENT FOR THE ANATOMICAL STUDY/WORK

FERREIRA, J.R. Humanizing the environment for the anatomical study/work. *Arq. Ciênc. Saúde Unipar*, 7(1): 83-84, 2003.

ABSTRACT: This note refers to an adaptation of the technical process of preservation and conservation of biological material of large volume in anatomic labs with the purpose of humanizing the environment for study and work. For this adaptation, from the formaline-conserved material, at any concentration, it was used oxygenated water (2 to 5%) for clearing, alcohol at 70% and absolute alcohol for dehydration and bi-distilled glycerin for inclusion. The responses of the subjects involved in the relations of work and teaching/learning were highly favorable. This led us to broadcast this experience in the academic and scientific fields.

KEY WORDS: anatomical technique; insalubrity; teaching environment.

As técnicas morfológicas para preservação e conservação de material biológico de grandes volumes representam um desafio que toda instituição de ensino superior tem de enfrentar.

As conquistas sociais vem de um certo modo pressionando os planejadores do ensino a buscar metodologias mais adequada à saúde planetária.

As duas últimas décadas do século passado nos convidam a sair da posição de aceitação/acomodação e pensar em ambientes de trabalho/estudo que não agridam a natureza e os seres que nela vivem.

Neste sentido chegamos à questão do formol, do álcool, dos ácidos, do xilol, etc., estes componentes insalubres e perigosos além de mal cheirosos, desagradáveis aos olhos e prejudiciais ao ar que se respira.

Historicamente ouvimos: formol, álcool etc é barato. Dá-lhe formol nas cubas de preservação e conservação. Mais álcool, xilol. Que festival químico; todos baratos!

Terá sido barato o desestímulo que estas técnicas causaram nos alunos desviando-lhes a atenção e o aprendizado?

Terão sido baratas as aposentadorias precoces de funcionários e docentes em virtude da insalubridade e periculosidade que oneram os cofres da previdência social?

Terá sido barato conviver em um ambiente hostil de estudo/trabalho, onde os indivíduos encontram-se irritados pela poluição ambiental?

Terá sido barato desconsiderar que todos estes resíduos tem sido ao longo do tempo desprezados nos esgotos sem

tratamento adequado?

Interessante, houve um tempo em que os indivíduos até gostaram que se caracterizasse seu ambiente de trabalho como perigoso ou insalubre para receber uma mísera gratificação nos salários ou antecipar uma aposentadoria, independente se ela viesse ou não com qualidade de vida para ser desfrutada.

E agora?

A legislação protege o cidadão trabalhador. O cidadão sabe disto? Como ele se comporta perante a quebra da insalubridade? As centrais de reagentes estão sendo pensadas e construídas nos planos diretores físicos das instituições de ensino e pesquisa dentro das normas? Os esgotos passam pelo menos por políticas institucionais de adequação?

Onde está a ética da compreensão planetária?

As vezes até pode parecer que está tudo ficando difícil. Não será o contrário?

Estou escrevendo esta nota, meus caros colegas que sonham com um ensino melhor, porque acredito até em soluções simples, enquanto não pudermos ter plastinação ou coisas mirabolantes de nossos colegas do primeiro mundo neste terceiro mundo. Usei soluções simples que adequaram o ambiente, humanizaram e melhoraram a qualidade de vida, respeitando a natureza.

Se você tiver o seu material de ensino mergulhado em cubas enormes fedorentas e cheias de fungos, fique feliz assim mesmo. Siga os seguintes passos. Use um clareador que não seja desidratante ao seu material (água oxigenada a 2% por 2 a 7 dias), é barato. Deixe escorrer. Se o material foi fixado

* Professora titular de Anatomia do ICB/UFG.

Endereço: Jussara Rocha Ferreira. Rua 111, 250, Setor Sul. Goiânia – GO.

em formol e já faz mais de 12 meses é mais fácil. Mergulhe no álcool (70% por 15 dias); deixe escorrer. Mergulhe no álcool absoluto (por 20 – 30 dias, dependendo do tamanho da peça) comercial, é barato. Deixe escorrer. Agora é só comprar glicerina bi-distilada e mergulhar a peça (por 30 dias ou até que esta afunde). Todas estas soluções têm de conter três vezes o volume do material. Deixe escorrer a glicerina. Está pronto para ser manuseado. A peça é guardada sem solução, em sacos ou caixas plásticas, ou nas próprias cubas se estas forem bem vedadas. O importante é não deixá-las secar. Se isto ocorrer volte-as para a glicerina.

Não são insalubres, não são perigosas, causam melhor impacto como artefato físico de ensino, são fáceis de serem transportadas.

Esta deve ser uma “técnica de aprendiz de feiticeiro”, aquele bruxo mágico que pratica a necromancia (suposta arte de adivinhar o futuro por meio do contato com os mortos) e que nos inspira a usar de nossa inteligência para nos safar das inadequações do ambiente hostil de trabalho/estudo que estamos expostos nos países em desenvolvimento. Não temos receita, é uma questão de prática e quem pratica acerta. É só não ter medo de errar.

É preciso esclarecer que esta técnica não é natural porque não a executamos naturalmente com finalidade de pesquisa científica mas com finalidade de desenvolver a condição de humanizar: a sala de aulas, o laboratório, a sala de conservação, a condição de trabalho do pessoal da limpeza, dos técnicos e docentes, dos visitantes e dos transeuntes ao redor do prédio, inclusive os pássaros e as borboletas. O meio ambiente de estudo e trabalho fica mais saudável. Até os mortos (animais de todas as espécies) estão mais felizes porque ficam menos insalubres e perigosos. Além do que, o cheiro agora é outro! O aspecto também.

A morfologia, a ciência da forma, deixa de ser uma prática só cadavérica e passa a contribuir com o auto-conhecimento, a auto-estima e as artes. Torna-se observável e prazerosa. Façam algo parecido. Sejam e façam o público felizes, obrigado pela atenção.

Gostaria de concluir que esta vontade de melhorar a condição humana nas relações de ensino e pesquisa para a construção da cidadania planetária é a vontade de tantos pensadores contemporâneos que nos tem servido de estímulo para o fazer/ensinar a fazer.

Sugestões de Leitura

CONSOLARO, A.O. “Ser” professor: Arte e ciência no ensinar e aprender. 3.ed. Maringá: *Dental Press*, 2002, 282 p.

HOUAISS, A.; VILLAR, M.S. *Discionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. 1322p.

MORIN, E. & LE MOIGNE, J.L. 2.ed. *A inteligência da complexidade*. São Paulo: Penópolis, 200. p. 263.

MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 3.ed. São Paulo: Cortez, Brasília-DF: UNESCO, 2001. p.118.

_____. *Saberes Globais e Saberes Locais: o olhar transdisciplinar*; participação de Marcos Terena. Rio de Janeiro: Garamond, 2000. 73p.

_____. *Ciência com Consciência*. 4.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. 350p.

Recebido para publicação em: 11/08/2002.

Received for publication on 11 August 2002.

Aceito para publicação em: 19/12/2002.

Accepted for publication on 19 December 2002.